

PADRE E CATEQUETA COMO CATEQUISTAS DE BASE

Antonio Marcos Depizzoli¹

RESUMO

Este artigo trabalha a possibilidade de a catequese de base figurar entre funções de padres e catequetas. O objetivo principal desta reflexão é postular a importância da presença efetiva de ministros da palavra no processo concreto de iniciação de um grupo de pessoas à fé cristã. A metodologia utilizada, para levar a efeito tal proposta, contempla o estudo de documentos da Igreja, em especial do Diretório Nacional de Catequese, em diálogo com a realidade. Faz-se, portanto, um esforço de análise da prática com referenciais teóricos. Um argumento base deste artigo, que parece ter força de conclusão, aparece no posicionamento a favor de uma formação permanente para padres e catequetas. O que há de novidade nesse posicionamento é a sugestão de que essa formação permanente seja pontuada por períodos de experiência na catequese de base.

PALAVRAS-CHAVE: Padre; Catequeta; Catequese de base; Formação permanente

ABSTRACT

This article deals with the possibility of base catechesis to figure among the basic functions of priests and catechists. The main objective of this study is to postulate the importance of the effective presence of ministers of the word in the process of initiation of a specific group of people to the Christian faith. The methodology used to carry out this proposal includes the study of church documents, particularly the National Directory for Catechesis, in a dialogue with reality. It is, therefore, an effort to analyze the practice with reference to the theory. The basic argument of this article, which gathers force in its conclusion, positions itself in favor of ongoing formation for priests and catechists. What's new in this position is the suggestion that this formation should be punctuated by periods of experience in basic catechesis.

KEY WORDS: Father; Catequeta; Base Catechism; Permanent Formation

Introdução

Uma prática muito comum da Catequese na Igreja no Brasil são as reuniões, realizadas, nos mais diversos níveis de organização da referida pastoral. Estes encontros acontecem com o intuito de imprimir ânimo, dar ritmo semelhante, promover a unidade. Podemos citar como exemplos dessa realidade, as assembleias nacionais, regionais,

¹ Pós-graduado em Catequese no Centro Universitário Pio XI – UNISAL/SP. Mestre em Teologia Pastoral pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/S. E-mail: depizzoli@yahoo.com.br

diocesanas, paroquiais, seminários, simpósios, congressos, semanas, onde catequistas contribuem com ricas experiências no trabalho de educação da fé. De particular relevo são ainda as Escolas de Catequese espalhadas pelo território nacional. De fato, estes são momentos e espaços onde cada um percebe que faz parte de uma grande equipe que caminha partilhando do mesmo ideal.

Quando catequistas se encontram, não faltam elementos positivos para serem apresentados aos pares, seja no que diz respeito à metodologia, ao conteúdo ou à alguma iniciativa que facilitou ou facilita a inserção dos interlocutores da catequese na comunidade de fé. Nesses relatos, constantemente, destacam-se familiares, o grupo de catequistas, a pastoral orgânica, o apoio oferecido por algum organismo da sociedade e não raras vezes há unanimidade de que o êxito da pastoral catequética é devedor do amor e do empenho do sacerdote dispensados aos seus catequistas e catequizandos. Ou seja, onde a catequese “funciona bem” parece haver por trás deste “funcionar bem” um padre deveras catequista.

Por outro lado, catequistas reunidos não perdem oportunidade de abordar direta e claramente os obstáculos que o dia-a-dia catequético traz em si. A abundância de problemas por vezes causa espanto, quando não produz um certo desânimo. Quais sejam, falta de material adequado para se desenvolver um encontro, espaço físico inóspito, dificuldade de integração entre os catequistas, isolamento da catequese em relação às outras pastorais, escassos recursos financeiros para a promoção de formação dos catequistas, rotatividade de catequistas entre outros. Mas infelizmente, parece que assim podemos nos expressar, uma das causas mais sérias das peripécias da catequese em nossas comunidades, segundo os catequistas, é a ausência ou quando não o abandono desta pastoral por parte do padre. Constatam os catequistas: o padre não nos apoia! Falta-nos estímulo do sacerdote!

Neste artigo pretendemos refletir sobre o papel do padre na formação cristã da comunidade, dando ênfase no esforço catequético como educação privilegiada da fé. Paralelamente a isso apresentaremos um estudo sobre a missão do catequeta. Faremos abordagem ao assunto que nos ocupa à luz do Diretório Nacional de Catequese.

A grande pergunta que nos colocamos frente à problemática acima aludida, como possível chave de solução para este impasse, formula-se assim: sendo o padre catequista por natureza, não estaria, obrigatoriamente entre seus ofícios, o de ser

catequista de base? Transformando esta pergunta numa afirmação, o padre, ao participar do processo catequético como catequista de um grupo de fiéis, torna-se o pivô do avanço e da fortaleza tão requeridos no processo de formação de discípulos missionários. O padre passaria de um contato esporádico e superficial com a educação da fé de catequistas para um novo tipo de relação com os mesmos. Com relação aos catequetas, a preocupação é semelhante. Investiguemos tal proposta.

1 O padre na formação cristã da comunidade

Iluminados pela proposta deste artigo, apresentada na introdução do mesmo, passaremos agora a abordar algumas das responsabilidades do padre na formação da comunidade cristã. Faremos este caminho seguindo, principalmente, as orientações do Diretório Nacional de Catequese (DNC).

A Igreja no Brasil, em sintonia com o que se passa também em outros países, sente a urgente necessidade de se repensar o processo de evangelização. Um marco na realidade latino-americana e caribenha, relativo a essa preocupação é a Conferência de Aparecida ocorrida em maio de 2007. Todos e cada membro da comunidade reunida em torno de Jesus Cristo são convocados à renovada experiência do Senhor, que viveu, morreu e ressuscitou pela nossa salvação. A experiência pessoal de Cristo vivo no meio de nós faz do cristão discípulo missionário de Jesus para que todos tenham vida. O Diretório Nacional de Catequese (DNC) transcreve o Diretório Geral de Catequese (DGC) para a realidade brasileira, partilhando das iniciativas da atualidade da Igreja e com elas somando forças.

Instigada pelos desafios dos nossos dias, a Igreja constata que muitos de seus membros receberam o Batismo, mas não a evangelização. Isso levou o DGC, no número 91, a propor como solução para este problema o catecumenato batismal como fonte de inspiração para o catecumenato pós-batismal. O que nos interessa, de modo particular, ao trazer para o debate esta questão é nos perguntar pelos responsáveis pela implementação desta proposta do DGC. Logo no número 49b o DNC assim se manifesta: “O catecumenato batismal é responsabilidade da *comunidade cristã*. De fato, tal iniciação cristã deve ser obra não apenas dos catequistas e dos presbíteros, mas também da comunidade de fiéis e, sobretudo, dos padrinhos (cf. AG 14d).” (DNC, 49b).

Queremos pôr ênfase no compromisso que presbíteros e catequistas² têm na iniciação cristã, segundo o DNC. Parece-nos clara, neste número, a necessidade de uma presença sistemática do padre junto ao programa de iniciação ao discipulado cristão em sua comunidade paroquial.

O papel do padre³ na formação cristã dos fiéis a ele confiados é de grande significado. Entre os frutos gerados, por um trabalho generoso e abnegado do sacerdote, podemos citar a unidade fraterna, característica essencial de uma comunidade. O DNC no número 235 afirma que “a catequese consolida a vida da comunidade.”

Por isso, “a Igreja é convidada a consagrar à catequese os seus melhores recursos de pessoal e energias, sem poupar esforços, trabalhos e meios materiais, a fim de a organizar melhor e de formar para a mesma pessoas qualificadas” (CT 15; cf. CDC 775). A diocese deve sentir-se responsável pela catequese num trabalho conjunto com os **presbíteros**, diáconos, religiosos, catequistas e membros da comunidade, em comunhão com o bispo. (DNC, 235).

Sabemos que pelo território nacional estão, na maioria das dioceses, bem organizadas as equipes de animação catequética. À frente das mesmas encontram-se aqueles a quem o DNC convoca para um trabalho conjunto. Verificando-se estes avanços na história da Catequese é que ousamos a pensar a proposta em torno da qual se articula esta reflexão. Não daríamos passos novos na consolidação da vida da comunidade quando padres fizessem a experiência de iniciar grupos de pessoas no seguimento de Nosso Senhor Jesus Cristo? De acordo com o DNC, 235 “o ‘testemunho de vida’ fala mais alto do que as normas e as exigências rígidas.” Um padre conduzindo pessoas à experiência cristã como catequista de base tornar-se-ia um exímio arauto do Evangelho.

² “No entanto, apesar da boa vontade, a formação teológica e pedagógica dos catequistas não costuma ser a desejável. Os materiais e subsídios são com frequência muito variados e não se integram em uma pastoral de conjunto; e nem sempre são portadores de métodos pedagógicos atualizados. Os serviços catequéticos das paróquias frequentemente carecem de colaboração próxima das famílias. **Os párocos e demais responsáveis não assumem com maior empenho a função que lhes corresponde como primeiros catequistas.**” (grifo nosso) (*Conferência de Aparecida*, 296).

³ “Embora sejam devedores a todos, os Presbíteros todavia aceitam como confiados a si de modo particular os pobres e mais humildes, aos quais o próprio Senhor se associou e cuja evangelização é dada como sinal da obra messiânica. Com desvelo igualmente peculiar hão de ocupar-se dos mais jovens e além disso dos esposos e pais, que deveriam reunir-se em grupos de amizade, para se auxiliarem mutuamente e agirem com mais facilidade e profundidade como cristãos nesta vida tantas vezes penosa. [...] O múnus de Pastor não se reduz porém ao cuidado individual dos fiéis, mas abarca, como tarefa própria, a formação de uma autêntica comunidade cristã. [...] **De forma especial, recomendam-se-lhe todavia os catecúmenos e neófitos, que precisam ser educados, passa a passo, para a descoberta e a prática da vida cristã.**” (*Presbyterorum Ordinis*, 6. CV II, 1157- 1158).

O DNC repete no número 237 o que salientou no número 49b já citado neste texto: “A iniciação cristã não deve ser obra somente dos catequistas ou dos presbíteros, mas da comunidade de fiéis.” Guardemos bem esta base tripla do processo de educação da fé em nossas comunidades – presbíteros, catequistas e comunidade de fiéis – na perspectiva do DNC. Aprofundando a temática o DNC cita no número 245 as Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora 23, “o ministério da Palavra exige o ministério da catequese” (DGAE 23).

Os presbíteros estimulam a vocação e a missão dos catequistas, ajudando-os a realizar o ministério catequético. A Igreja espera deles que não descuidem nada em vista de uma atividade catequética bem estruturada e bem orientada (cf. CT 64). O *Código de Direito Canônico* afirma: “Em virtude de seu ofício, o pároco tem a obrigação de cuidar da formação catequética de adultos, jovens e crianças” (cân. 776). A comunidade cristã espera, pois, do presbítero amor, entusiasmo, apoio e presença na catequese. Espera que o diácono seja fermento de uma catequese de inserção pelo serviço à comunidade, particularmente como ministro da Palavra. (DNC, 248).

O ministério da Palavra⁴ exige o ministério da catequese⁵. O padre é ministro da Palavra⁶. Logo, parece lógica a relação entre sacerdócio e catequese de base. O número 248 do DNC ao citar o cân. 776 do Código de Direito Canônico (CDC) oferece-nos uma significativa fundamentação para a vivência de uma fecunda experiência catequética por parte do padre. O pároco deve cuidar da formação catequética de adultos, jovens e crianças⁷. Este ‘cuidar’⁸ não vem impregnado do acompanhar passo a

⁴ “É próprio dos presbíteros, que são os cooperadores dos Bispos, anunciar o Evangelho de Deus; são obrigados a isso, em relação ao povo a eles confiado, principalmente os párocos e outros a quem esteja confiada a cura de almas; compete também aos diáconos servir ao povo de Deus no ministério da palavra, em comunhão com o Bispo e seu presbitério.” (CDC, 757).

⁵ “É dever próprio e grave, sobretudo dos pastores de almas, cuidar da catequese do povo cristão, para que a fé dos fiéis, pelo ensino da doutrina e pela experiência da vida cristã, se torne viva, explícita e atuante.” (CDC, 773). Em nota de rodapé, o Código de Direito Canônico traz, para explicar o cân. 773, uma citação da Exortação Apostólica *Catechesi Tradendae*, 18 que define catequese: “A catequese é uma educação da fé das crianças, dos jovens e dos adultos, a qual compreende especialmente um ensino da doutrina cristã, dado em geral de maneira orgânica e sistemática, com o fim de os iniciar na plenitude da vida cristã.”

⁶ “O povo de Deus congrega-se antes de mais nada pela palavra do Deus vivo, palavra que se há de procurar com pleno direito nos lábios dos sacerdotes. Pois, como ninguém pode salvar-se caso não creia primeiro, os Presbíteros, na qualidade de cooperadores dos Bispos, têm como primeira tarefa anunciar o Evangelho de Deus a todos, para constituírem e aumentarem o Povo de Deus, executando o mandato do Senhor: ‘Ide ao mundo todo e pregai o Evangelho a toda criatura’ (Mc 16,15). [...] Desta sorte os Presbíteros são devedores de todos, no sentido de terem que partilhar com todos a verdade do Evangelho, da qual desfrutaram no Senhor.” (*Presbyterorum Ordinis*, 4. CVII, 1148).

⁷ “Em virtude de seu ofício, o pároco tem obrigação de cuidar da formação catequética de adultos, jovens e crianças; para isto, sirva-se da colaboração dos clérigos ligados à sua paróquia, dos membros de institutos de vida consagrada ou de sociedades de vida apostólica, levando em conta a índole de cada instituto; sirva-se também da colaboração dos leigos, sobretudo catequistas; todos esses, a não ser que

passo o processo educativo da fé de membros de seu rebanho? Partilhando com os catequistas desta tarefa, teoria e prática, fé e vida, tão destacadas nos documentos eclesiais relativos à catequese, fariam robusto eco na missão do padre.

O DNC dedica amplo espaço no que se refere à formação catequética do padre. O número 251 do DNC discorre sobre o empenho episcopal na promoção da catequese. Segundo o mesmo, este empenho episcopal implica também em “zelar pela formação catequética dos presbíteros, tanto nos seminários como na formação permanente.” (DNC, 251h). Consideramos esta orientação do DNC de uma sabedoria intensa. A formação do jovem vocacionado ao sacerdócio, como futuro ministro da Palavra que exige o ministério da catequese, pede que ele faça a experiência de transmitir o Evangelho que o anima.⁹ Esta formação catequética precisa ser prática, superando a tentação de restringir-se somente aos livros e à observação do trabalho dos catequistas em alguma paróquia, quando por ocasião do estágio pastoral. Concordamos que o seminarista tem necessidade de sentir na pele o que seja acompanhar um grupo de adultos, jovens, adolescentes ou crianças na iniciação à vida cristã. O DNC aprofunda esta reflexão ao afirmar no número 284:

A formação para os seminaristas, diáconos e presbíteros é de suma importância, em função do ministério da evangelização e da catequese. O presbítero e o diácono são ministros da Palavra por excelência. Por isso, são os animadores que fazem a Palavra ressoar em todos os âmbitos da catequese e da comunidade. O presbítero se define também como o “educador da fé” (PO 6).

A sabedoria popular prevê que não é necessário “tomar veneno para verificar que ele é fatal”. Um contra-argumento que nesta altura poderia ser invocado pode ser: não é preciso dar catequese para se entender o que seja assumir esta vocação. Não

estejam legitimamente impedidos, não deixem de prestar de boa vontade seu trabalho. Promova e favoreça a tarefa dos pais na catequese familiar, mencionada no cân. 774, § 2.” (CDC, 776).

⁸ “O pároco tem a obrigação de fazer que a palavra de Deus seja integralmente anunciada aos que vivem na paróquia; cuide, portanto, que os fiéis leigos sejam instruídos nas verdades da fé, principalmente por meio da homilia, que deve ser feita nos domingos e festas de preceito, e mediante instrução catequética que se deve dar. [...] Tenha especial cuidado com a educação católica das crianças e jovens.” (CDC, 528).

⁹ “Embora toda a formação dos alunos no seminário tenha em vista o fim pastoral, seja organizada nele uma preparação estritamente pastoral, com a qual os alunos aprendam os princípios e as técnicas pertinentes ao exercício do ministério de ensinar, santificar e governar o povo de Deus, levando em conta também as necessidades de tempo e lugar.” (CDC, 255). “Os alunos sejam diligentemente instruídos em tudo o que se refere de modo específico ao ministério sagrado, particularmente na catequética e na homilética, na celebração do culto divino e principalmente dos sacramentos, no diálogo com as pessoas, mesmo não-católicas ou não-crentes, na administração paroquial e no cumprimento de todos os outros encargos.” (CDC, 256, § 1).

questionamos isso. Apenas queremos chamar a atenção sobre a importância de se colocar no lugar do outro a fim de entender melhor a imagem que ele tem dos desafios da realidade.

Quando falamos da necessidade da experiência prática na formação catequética do padre, em especial em seu tempo de seminário, pensamos postular a oportunidade de se viver a compaixão evangélica no trabalho de transmissão da fé. Sentir com, caminhar com, sofrer com, alegrar-se com, superar com, compreender com,... O seminarista catequista fundamentará a discussão catequética com elementos concretos. Os anseios da equipe catequética de sua diocese ou comunidade serão mais bem assimilados, uma vez que ele terá conhecimento dos anseios de seus catequizandos.

“O presbítero se define também como o ‘educador da fé’ (PO, 6).” Será que esta afirmação da *Presbiterorum Ordinis* se esgota na compreensão de que o padre é apenas o animador dos diversos processos pastorais catequéticos de sua comunidade? Esta definição – padre educador da fé – não provoca a ir além?

Segundo o DNC 285, “a formação catequética de presbíteros e diáconos prevê dois momentos:”

- a) *formação prévia*, que no seminário se traduz no estudo da catequética e na prática catequética com acompanhamento adequado;
- b) *formação permanente* que permite a atualização, através de cursos, encontros e revisões da caminhada. (DNC, 285).¹⁰

É evidente, no item *a* do número 285 do DNC a base para os argumentos anteriores. A formação no seminário requer um estudo teórico da disciplina de Catequética complementado pela prática catequética. Dito de outra forma, o DNC aconselha o contato do seminarista com a catequese de base. Interessante notar, no item *b* do mesmo número, a proposta da formação permanente¹¹ para o ministro da Palavra. Julgamos interpretar corretamente este item acolhendo dele o conselho de dar continuidade à empreitada de introduzir na fé os irmãos que buscam a catequese. Ainda que no tempo do sacerdócio esta experiência seja vivida por determinados períodos de

¹⁰ “É oportuno indicar a complementaridade entre a formação iniciada no Seminário e o processo de formação que abrange as diversas etapas da vida do presbítero. É necessário despertar a consciência de que a formação só termina com a morte.” (*Conferência de Aparecida*, 326).

¹¹ “Os clérigos continuem os estudos sagrados, mesmo depois de recebido o sacerdócio; sigam a sólida doutrina fundada nas Sagradas Escrituras, transmitida pelos antepassados e comumente aceita pela Igreja, conforme fixada principalmente nos documentos dos Concílios e dos Romanos Pontífices, evitando profanas novidades de palavras e falsa ciência.” (CDC, 279, § 1).

tempo. Parece estar aí um meio de aplicar às nossas comunidades de fé, aos nossos catequistas e aos nossos padres o que o DNC propõe no número 286 a respeito da formação. O que ela deve levar em conta, o que ela deve ter presente, como devem ser preparados os futuros presbíteros e diáconos, que tipo de cooperação deve ser estabelecida entre clero e leigos.

Essa formação tem presente uma catequese renovada, atualizada, dinâmica, com clareza da finalidade, identidade, critérios, interlocutores, âmbitos, conteúdos, métodos da catequese. Os futuros presbíteros e diáconos sejam preparados para acolher o trabalho dos leigos, reconhecendo competência e talentos, numa relação adulta, em que todos crescem juntos na partilha e cooperação. (DNC, 285).

Por fim, o DNC em seu número 287d destaca que, entre tantas outras competências requeridas, “a formação catequética nos seminários e escolas diaconais deverá qualificar presbíteros e diáconos para: suscitar um entendimento e vivência do processo de amadurecimento da fé entre os catequistas, catequizandos, família.” Insistimos que esta função contemplará considerável êxito na medida em que o ministro da Palavra viver todo este processo de evangelização como catequista.

2 O catequeta na catequese de base

Seguindo a metodologia adotada para a discussão do problema presente neste artigo, procederemos agora um estudo sobre o catequeta na catequese de base, guiados pelo DNC. É sabida a importância sem tamanho dos catequetas para a catequese no Brasil e no mundo.¹² Os grandes documentos como o DGC e o DNC são resultado do trabalho de muitos desses grandes homens e mulheres que se entregam, abnegados, à reflexão catequética. Catequetas e catequistas de base são intercomunicantes. Os catequetas que prepararam o DNC registraram logo no início do texto que fizeram opção “por um trabalho através do processo participativo envolvendo dioceses, escolas de catequese e catequistas.” (DNC, 3).

¹² “Devido à animação bíblica da pastoral, aumenta o conhecimento da Palavra de Deus e do amor por ela. Graças à assimilação do Magistério da Igreja e à formação melhor de generosos catequistas, a renovação da Catequese tem produzido fecundos resultados em todo o Continente, chegando inclusive a países da América do Norte, Europa e Ásia, para onde muitos latino-americanos e caribenhos têm emigrado.” (*Conferência de Aparecida, 99a*).

Partimos do princípio de que é impossível alguém tornar-se catequeta sem primeiro ter feito a experiência de catequizar na base. Todo estudioso ou animador de catequese, nos seus mais diversos níveis, presta esta colaboração à Igreja, justamente, porque respondeu positivamente ao chamado de Deus para que sua vida se fizesse missão.¹³ Impelidos pela fé e provocados pelos desafios da vida estes homens e mulheres põem em movimento a necessária relação entre a reflexão teórica e a práxis.

Agradecemos a dedicação dos catequetas no Brasil e no mundo na construção de unidade no processo catequético da Igreja. Também no que diz respeito à fecundidade de suas iniciativas defendemos postura idêntica àquela apresentada na discussão sobre a importância do padre como catequista de base. O catequeta que se distancia largamente da prática catequética, esquecendo-se da sua essência, de seu ser catequista, corre o sério risco de falar de maneira demasiado abstrata.

Houve no passado um grande clamor para que as pessoas de Igreja saíssem das sacristias a fim de serem iluminadas com as verdadeiras necessidades de cada irmão. O pensador de teorias catequéticas que não sai de seu escritório, dificilmente produzirá uma reflexão transformadora, que se encarne na vida de cada comunidade e provoque a geração de vida em abundância. Tomando esta proposta pelo viés que julgamos necessário para um fecundo apostolado afirmamos: todo responsável pela catequese deve ter uma comunidade da qual participa e na qual irradia sua fé. Do contrário, esvazia-se e define-se o entusiasmo do chamado a ser catequista. Fazer a experiência de facilitar, na prática catequética, o encontro pessoal com Jesus Cristo, em quem se crê, parece realmente muito salutar tanto ao ser do catequeta quanto ao seu ministério na Igreja.

O número 81 do DNC contempla, em poucas palavras, o valioso trabalho dos organismos responsáveis pelo dinamismo da catequese no Brasil. Concordamos, com base no argumento desenvolvido neste texto, que se há frutos, se há ressonância na vida das comunidades, a reflexão catequética, na Igreja, surge a partir da proximidade entre catequetas e anseios de catequistas e catequizandos espalhados pelo território nacional.

¹³ “Ser discípulo é dom destinado a crescer. A iniciação cristã dá a possibilidade de uma aprendizagem gradual no conhecimento, no amor e no seguimento de Cristo. Dessa forma, ela forja a identidade cristã com as convicções fundamentais e acompanha a busca do sentido da vida. É necessário assumir a dinâmica catequética da iniciação cristã. Uma comunidade que assume a iniciação cristã renova sua vida comunitária e desperta seu caráter missionário. Isso requer novas atitudes pastorais por parte dos bispos, presbíteros, diáconos, pessoas consagradas e agentes de pastoral [catequetas] (grifo nosso).” (*Conferência de Aparecida*, 291).

Ou seja, o catequeta não deixou de ser catequista. Citamos na íntegra o número 81 do DNC:

No capítulo primeiro, já foi apresentado um panorama da caminhada da catequese no pós-concílio. Uma vez aprovado, em 1983, o documento *Catequese Renovada* passou a ser uma forte motivação para a evolução da catequese. O destaque dado à Bíblia correspondeu ao carinho do povo pela Palavra de Deus. Catequistas alegremente aprenderam a dizer e demonstrar corretamente que “a Bíblia é o livro por excelência da catequese” (cf. CR 154 e TM 24). O projeto para a sua operacionalização nas comunidades foi realizado criativamente pela então Linha 3 da CNBB, uma coordenadoria nacional da catequese. Eventos, iniciativas diversas e textos de apoio foram pontilhando a caminhada catequética até hoje. Marcaram época:

- a) a *Primeira Semana Brasileira de Catequese* (1986), com o tema “Fé e vida em comunidade, renovação da Igreja, transformação da sociedade”, e a *Segunda*, em 2001, com o tema “Com adultos, catequese adulta”;
- b) os sete *Encontros Nacionais de Catequese*;
- c) as *reuniões anuais* dos Coordenadores Regionais de Catequese;
- d) as escolas de catequese, os grupos nacionais de reflexão; GRECAT, GREBIN, GRESCAT, o Grupo de catequetas e professores de catequética, o Grupo de catequese junto às pessoas com deficiência, as semanas e os encontros regionais nas dioceses;
- e) os textos de apoio e o desdobramento do documento *Catequese Renovada*, da coleção *Estudos da CNBB*.

O DNC sugere, em seu número 283 que “as universidades católicas favoreçam cursos para a formação qualificada de catequistas e catequetas, bem como a pesquisa histórica e o acompanhamento de publicações.” (DNC, 283). Torna-se possível perceber a relação que existe entre os diversos grupos de pensadores e pesquisadores na esfera catequética e as universidades católicas. Por outro lado, não se faz necessário muito esforço para a constatação de que esta é uma parceria que tem campo extenso a ser explorado.

O DNC continua, “professores e assessores que atuam nas escolas catequéticas tenham oportunidades de se atualizar e aprofundar sua formação.” (DNC, 283). Pensamos poder aplicar a esta orientação do DNC, a mesma reflexão que implementamos com relação à formação de seminaristas e a formação permanente de padres. A atualização e aprofundamento na formação de professores e assessores de escolas catequéticas quando contempla o contato com o trabalho catequético de base conduzirá nossos mestres a novas perspectivas. Teoria dialogando com a prática. Fé alimentando-se sempre de novo no chão da vida. Como será pensar, organizar, redigir

um encontro catequético depois da experiência de vivenciá-lo? Voltar aos encontros catequéticos, ainda que por breves períodos, não seria um meio de falar mais de perto ao coração dos catequistas?

O número 329 do DNC traz as orientações do DGC sobre a necessidade de um órgão permanente em função da catequese e apresenta¹⁴, por sua vez, a forma como a Igreja no Brasil se organiza para responder às questões próprias de nossa pastoral catequética.

Segundo o *Diretório Catequético Geral* é absolutamente necessário, em nível nacional, um órgão permanente em função da catequese (cf. DGC [1971] 126-127; DGC 269). A CNBB em sua organização inclui a *Comissão Episcopal Pastoral para a Animação Bíblico-Catequética*, com o objetivo de animar a pastoral bíblica e dinamizar a catequese. Ela é formada por uma comissão de três bispos, auxiliados por dois assessores. Essa equipe nacional tem as seguintes funções:

- a) *animar, acompanhar e alimentar* com boa reflexão a catequese em nível nacional;
- b) *levar a termo* os projetos da animação bíblico-catequética, assumidos pela CNBB no quadriênio;
- c) *animar* a pastoral bíblica;
- d) *propor*, em parceria com o setor da liturgia, itinerários catequéticos inspirados na dimensão catecumenal, tendo presente o RICA;
- e) *convocar* e presidir as reuniões dos diferentes níveis de atuação: Grupo de Reflexão Catequética (GRECAT), Grupo de Reflexão Bíblica Nacional (GREBIN), Grupo das Escolas Catequéticas (GRES CAT), Grupo dos catequetas e outros;
- f) *representar* a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil nos encontros nacionais e internacionais de catequese e Bíblia;
- g) *organizar* congressos e semanas nacionais, enfocando assuntos prioritários para a catequese e Bíblia;
- h) *viabilizar* a prática deste *Diretório Nacional de Catequese* e dos documentos da catequese dos diversos níveis: nacional, latino-americano e da Sé Apostólica;
- i) *apoiar*, incentivar e acompanhar uma adequada formação dos coordenadores de catequese de nível regional;
- j) *auxiliar* as outras pastorais, organismos e serviços para que a animação bíblico-catequética esteja atuante em todas elas; reciprocamente, ajudar a catequese a levar em conta as demais dimensões, particularmente a dimensão litúrgica e sociotransformadora;
- l) *incentivar* a produção de material catequético nos regionais e dioceses;
- k) *acompanhar* as publicações catequéticas e da animação bíblica;

¹⁴ “A Comissão Episcopal Pastoral para a Animação Bíblico-Catequética manterá permanente contato e mútua colaboração com: o secretariado nacional de catequese dos diversos países, com a Seção de Catequese do CELAM, com a Federação Bíblica Católica (FEBIC), com a Sociedade de Catequetas Latino-americanos (SCALA), com o Conselho Internacional de Catequese (COINCAT) e com a Congregação para o Clero.” (DNC, 330).

- m) visitar os regionais e manter contato com eles, através de correspondência, subsídios e troca de material;*
- n) incentivar a celebração do dia do catequista (4º domingo de agosto) e da Bíblia (último domingo de setembro);*
- o) manter contato com as diversas entidades que se ocupam com a reflexão e divulgação da Bíblia;*
- p) incentivar o bom desempenho da disciplina “catequética” nos cursos de teologia e o gosto pela catequese nos seminários e nas casas de formação religiosa. (DNC, 329).*

As competências requeridas dos catequetas e suas equipes, quer em nível nacional ou em regional, abarcam integralmente seu ser. As funções destas equipes, a contar pela força de ação presente em cada verbo acima elencados, parece não prever espaço para outra coisa que não seja participar de reuniões de coordenação e animação da catequese. Não questionamos a importância deste trabalho, muito pelo contrário. Ainda assim, não desistimos da proposta que agora elaboramos como pergunta: continuar fazendo experiência de catequese de base não seria como que um órgão vital do ser catequeta?

Conclusão

Após este breve contato com a abordagem dispensada pelo DNC ao padre, ao catequeta e à formação destes ministros da Palavra e suas funções no ministério catequético passamos a considerar algumas questões, de maneira alguma, conclusivas. Esperamos, com esta reflexão, contribuir com o diálogo entre padres, catequetas e catequistas de base em vistas da vivência radical do anúncio do Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo.

O que estamos fazendo para que o amor de Deus seja cada dia mais experimentado e para que nele se acredite com renovado ardor? Podemos responder elencando inúmeras iniciativas, condizentes com a realidade do discipulado e missão de cada um de nós e de nossas comunidades. Porém, ao fazermos muitas coisas corremos o risco de ficar na superfície de todas elas. Ouçamos sempre de novo o desafio de ir para águas mais profundas. (cf. Lc 5,4b).

Há, entre tantas outras, a possibilidade de estas linhas acima escritas, serem tratadas como não dignas de crédito. Contra esta proposta podem se levantar diversos

empecilhos: como o padre e ou o catequeta dariam conta de atuar na catequese como catequista de base? O padre e o catequeta são por natureza os animadores dos catequistas, como o são dos demais movimentos e pastorais na comunidade. Se o padre e o catequeta forem dar catequese para um grupo de pessoas terá de acompanhar pessoalmente também as outras propostas evangelizadoras da comunidade? E as reuniões regionais, diocesanas, paroquiais? E as viagens, por todo o território nacional, poderiam perguntar os catequetas? Não há necessidade de se prolongar em questionamentos no tocante aos prováveis obstáculos postos a estas reflexões.

Por fim, invocando a analogia do corpo para pensar a comunidade, à primeira vista, parece que propomos uma confusão de funções. O coração ocupando o lugar do pulmão; o fígado o dos rins; a boca o dos olhos; os ouvidos o das mãos... O padre é o padre; o catequeta é o catequeta; o catequista de base é o catequista de base. Cada qual com seu campo de ação bem definido. Perfeito! Pensemos no seguinte: o padre não deixa jamais de exercer o ministério eucarístico só porque existem ministros extraordinários da Sagrada Comunhão. Estes são colaboradores no ministério sacerdotal eucarístico. Da mesma forma, o padre não deixa de exercer o ministério da Palavra, que se dá também por meio da educação da fé só porque existem catequistas. Estes são colaboradores no ministério sacerdotal da Palavra.

Referências

BÍBLIA DE JERUSALÉM. Tradução do texto em língua portuguesa diretamente dos originais. São Paulo: Paulus, 2001.

CÓDIGO DE DIREITO CANÔNICO. [Tradução Conferência Nacional dos Bispos do Brasil] Edição revista e ampliada com a Legislação Complementar da CNBB. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2003.

COMPÊNDIO DO VATICANO II. [Coord. Frei Frederico Vier O.F.M.] 26. ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Diretório Nacional de Catequese*. 8. ed. São Paulo: Paulinas, 2009.

CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. *Documento de Aparecida*.
[Tradução Luiz Alexandre Solano Rossi] Brasília: Edições CNBB; São Paulo: Paulinas;
São Paulo: Paulus, 2007.

Artigo recebido em 12.08.2013.

Artigo aprovado em 10.09.2013.